



OUVIR, LER E IMAGINAR: FORMAÇÃO DE COMPORTAMENTO LEITOR

Milene Barazzetti Machado¹

Resumo

O presente artigo contém um relato de experiência com os alunos do Projeto Mais Educação da EMEF Presidente Nilo Peçanha em atividades de leitura, narração de histórias e mediação leitora na Biblioteca Fábrica do Saber, desde abril do ano de 2016. A necessidade deste trabalho veio por conta da grande preocupação com o desenvolvimento da leitura dos alunos da escola e também da comunidade abrangente. Também se buscava uma maneira de ter atividades diferenciadas em locais distintos do ambiente escolar. As atividades ocorrendo em um espaço ambientado com livros, que proporcionassem diversas vivências foram pensadas para cumprir os objetivos principais: a formação do comportamento leitor e o desenvolvimento da oralidade. Como principais ações buscou-se o desenvolvimento da oralidade através da contação de histórias. Nada melhor do que ouvir uma boa história e apropriar-se dela. Aquele que escuta uma história e também aquele que conta trazem dentro de si uma carga de memória afetiva muito intensa. A história ouvida causará, no ouvinte, emoções diversas que determinarão ou não a vontade de ler o texto escrito. Partindo desse pressuposto as histórias contadas são escolhidas de acordo com o interesse dos alunos, sempre observando a qualidade literária do texto a ser vivenciado. Na maioria das vezes, os alunos participam da contação encenando, tocando alguns instrumentos musicais ou intervindo quando questionados. Após a história realizam-se brincadeiras que desenvolvem principalmente a capacidade de falar em público. O reconto da história e as leituras complementares acontecem naturalmente. Cada aluno fala a sua opinião sobre a história, faz relações com acontecimentos e com outras histórias. Geralmente, é a partir dessas reflexões que se pensa na aula seguinte, na história que será contada posteriormente e o que eles gostariam de ver naquele espaço mágico. Sim, a biblioteca é um espaço mágico por ser um local de descobertas e desenvolvimento dos sentidos. E ver o despertar dessa curiosidade em relação às histórias e aos livros demonstra o sucesso do projeto.

Palavras-chave: leitura, mediação, comportamento.

¹ Bacharel em Direito e Especialista em Psicopedagogia. Professora da EMEF Pres. Nilo Peçanha/Fábrica do Saber e escritora. Emai: milenebarazzetti@novohamburgo.rs.gov.br



INTRODUÇÃO

Atualmente, no Brasil, há diversos estudos sobre a questão da leitura e da escrita como parte primordial do processo ensino-aprendizagem. A prioridade, em todos os âmbitos, é melhorar o ensino da leitura e da escrita, essa é uma das questões do Pacto da Aprendizagem desenvolvido pelo Governo Federal e de tantas outras propostas em nível estadual e municipal. A leitura fornece elementos para a linguagem escrita. O contato com textos de diferentes tipos oportuniza o conhecimento sobre as diversas estruturas textuais, ou seja, sobre as diferentes formas de apresentar ideias através da escrita.

Uma biblioteca que vive e cresce precisa sempre conquistar novos leitores. A sua meta principal é despertar o interesse e o prazer da leitura e fazer dela um hábito.

Parto do princípio de que, para gostar de ler, a criança, em um primeiro momento, deve ter o desejo de aprender. Para isso, a contação de histórias é algo fundamental. Conforme Fanny Abramovich:

Ler histórias para crianças sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... (1989, p. 16)

Neste projeto realizado desde abril de 2016 com o Programa Mais Educação da EMEF Pres. Nilo Peçanha, a narração de histórias é a principal atividade de estímulo à leitura entre os participantes.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Seguindo a linha de raciocínio da introdução deste artigo, a contação de histórias de modo prazeroso e estimulante deve ser feita com muita preparação e por um profissional que está sempre estudando. O contador de histórias precisa



XV Fórum Municipal de Educação: interlocuções da pesquisa na Educação Básica
Secretaria de Educação de Novo Hamburgo – 24 de outubro de 2017

andar por vários territórios artísticos para atingir o imaginário da criança. De acordo com o que afirma Celso Sisto:

O contador de histórias não pode ser nunca um repetidor mecânico do texto que ele escolheu contar. Como garantia de uma narração viva estão elementos como originalidade, surpresa, conflitos instigantes, questionamentos nas entrelinhas, a agilidade da contação e a expressividade. (2012, p. 25)

Sendo assim, quando contamos histórias para crianças ou jovens, devemos nos apropriar delas para que haja um bom resultado. Com isso, o ouvinte tem vontade de, após ouvir a história, ler o livro impresso que traz a história contada. Essa rede se amplia quando a criança chega em casa e conta a história para seus pais, ou pede para ler o livro levado para casa.

Corroborando com esta colocação a da citação de Vera Teixeira de Aguiar:

A leitura é um jogo em que o autor escolhe as peças, dá as regras, monta o texto e deixa ao leitor a possibilidade de fazer combinações. Quando ela faz sentido, está ganha a aposta. Mas isso só acontece porque o leitor aceita as regras e se transporta para o mundo imaginário criado. Se ele resiste, fica fora da partida. Ao mergulhar na leitura, entra em outra esfera, mas não perde o sentido do real e aí está, a nosso ver, a função mágica da literatura: através dela vivemos uma outra realidade, com suas emoções e perigos, sem sofrer as consequências daquilo que fazemos e sentimos enquanto lemos. Essa consciência do brinquedo que a arte é leva-nos a experimentar o prazer de entrar em seu jogo. (AGUIAR, 2001).

Justificando ainda a contação de histórias como a principal atividade da Biblioteca Fábrica do Saber, nesse projeto com o Mais Educação, cito também Tino Freitas que diz:

O afeto é a ponte entre o livro e o leitor. E aqui, mais uma vez, a oralidade



XV Fórum Municipal de Educação: interlocuções da pesquisa na Educação Básica
Secretaria de Educação de Novo Hamburgo – 24 de outubro de 2017

tem um papel importante na formação deste leitor. É do contador de histórias a voz que guia essa criança no caminho que leva ao gosto pela leitura.(FREITAS, p.107-2013).

A ideia aqui é que a contação de histórias leva, na maioria das vezes, à formação de um comportamento leitor, apontando como elemento principal a curiosidade despertada no ouvinte, como bem nos diz Ana Maria Machado:

Além de exemplo, há outro motivo poderoso para fazer alguém ler: a curiosidade. Ninguém resiste à tentação de saber o que se esconde dentro de algo fechado – seja a sabedoria do bem e do mal no fruto proibido, seja a Caixa de Pandora, seja o quarto do Barba Azul. Mas para isso, é preciso saber que existe algo lá dentro. Se ninguém jamais comenta sobre as maravilhas encerradas, a possível abertura deixa de ser uma porta ou uma tampa e o possível tesouro fica sendo apenas um bloco compacto ou uma barreira intransponível. (MACHADO, 2001, p.149)

Portanto, o leitor na Biblioteca, através da contação de histórias, será estimulado a procurar o livro para descobrir novas histórias e tirar suas próprias conclusões. Além disso, o espaço da Biblioteca deverá ser um lugar organizado e prazeroso, onde os livros e os outros materiais de leitura estejam ao alcance de todos.

Tânia Dauster em artigo publicado no livro “A experiência da Leitura”, organizado por Eliana Yunes, afirma que:

(...) o leitor se constrói de forma complexa, mediante identificações e gestos, práticas escolares e extraescolares, em contato com os livros, histórias contadas e pessoas que dão pertinência à leitura, uma vez que a têm como valor e prática do cotidiano, em horizontes em que liberdade, escolha e opção iluminam o trajeto.” (2003, p. 92).

Assim, o trabalho na Biblioteca Fábrica do Saber complementa todo o



trabalho que já é realizado nas demais atividades de sala de aula. Sim, pois o principal objetivo é formar novos leitores e fomentar a leitura daqueles que já a tem como hábito.

O meu papel como mediador de leitura é auxiliar o leitor nesse processo de assimilação e compreensão do que lê com atividades de pré-leitura, pós-leitura e outras análises dos contextos das obras lidas. Dessa maneira, o leitor em processo compreenderá o texto que lê de diversas formas. A leitura tem que ir além do que pensamos e dar asas à imaginação. Pensando assim, vejamos o que pensa Sueli de Souza Cagneti sobre literatura infanto-juvenil, presente na formação do leitor criança:

A literatura infanto-juvenil, não só brasileira, como os textos endereçados às crianças e jovens, de diferentes lugares e aqui traduzidos, vem pedindo ao leitor uma atitude de complementação, associação, recriação e redimensionamento, a partir dos próprios pontos de vista das leituras e dos conhecimentos anteriores... (CAGNETI, 2013, p.12)

Desse modo, as atividades desenvolvidas na Biblioteca Fábrica do Saber terão como principal objetivo despertar a curiosidade para os diversos formatos de textos através de atividades diversificadas.

METODOLOGIA

Os alunos, ao entrarem na Biblioteca, devem sentir-se bem. Precisam ter à sua disposição outros materiais visuais, juntamente com os livros. Portanto, o professor que está na Biblioteca deve ser qualificado e ter conhecimento de todo o material ali disposto para poder auxiliar o aluno nas suas escolhas.

Assim, as atividades de hora do conto devem ser diferenciadas, com apresentação de imagens, contação decorada, leitura do texto, utilização de fantoches, teatro, máscaras, instrumentos musicais. Tudo que torne o momento da



escuta de histórias prazeroso.

A leitura envolve um mundo de possibilidades, portanto, para estimular a leitura do aluno, os professores devem também ser leitores. Assim, a professora responsável pela Biblioteca deve auxiliá-los nessa caminhada. É o que defende Regina Zilberman:

Parece óbvio o que vou dizer, mas a premissa é a de que o professor seja um leitor. Não apenas um indivíduo letrado, mas alguém que, com certa frequência, lê produtos como jornais, revistas, bulas de remédio, histórias em quadrinho, romances ou poesias. O professor precisa se reconhecer como leitor e gostar de se entender nessa condição. Depois, seria interessante que ele transmitisse aos alunos esse gosto, verificando o que eles apreciam. Esse momento é meio difícil, pois, via de regra, crianças e jovens tendem a rejeitar a leitura porque ela é confundida com o livro escolar e a obrigação de aprender. Se o professor quebrar esse gelo, acredito que conseguirá andar em frente. (1996)

A principal atividade desenvolvida na Biblioteca Fábrica do Saber para os alunos do Projeto Mais Educação é a hora do conto, proporcionada a todos os alunos do projeto. A cada quinze dias, os alunos têm um período de 1 hora e 30 minutos dedicados à escuta de uma história e sua análise. Nesse momento, além de escutarem histórias, leem, escrevem, jogam, interpretam e desenvolvem atividades artísticas sobre as histórias trabalhadas. No final deste período, podem escolher um livro para levar que será devolvido no próximo encontro.

As histórias são apresentadas de diversas maneiras e recursos. É importante que os alunos ao ouvirem as histórias sintam-se como donos dela e contem para seus familiares. Após essa atividade, os alunos têm momentos de leitura, arte, jogos literários (confeccionados pela professora da Biblioteca, relacionados com as histórias), brincadeiras e atividades de dramatização.

As atividades realizadas são socializadas na página e no blog da biblioteca Fábrica do Saber: <https://bibliotecafabricadosabernhrs.blogspot.com.br/>



RESULTADOS

No início das atividades, em abril de 2016, notamos um pouco de falta de interesse nos alunos, com idades distintas, pelas atividades realizadas na Biblioteca. O principal desafio foi trazer histórias que agradassem a todos.

Primeiro realizei várias contações de histórias distintas e leituras relacionadas. Após a atividade, conversava sobre as histórias e promovia algumas brincadeiras literárias sobre os textos.

Com o passar do tempo, os alunos demonstravam maior interesse pelas atividades e solicitavam algumas histórias para serem contadas nos próximos encontros.

Sempre no final de cada encontro os alunos comentavam e avaliavam a atividade proposta. A maioria dos alunos demonstrou interesse em participar das narrativas e gostavam das contações em que eles se envolviam como protagonistas.

No final do primeiro semestre de 2017, em que o foco do trabalho foi a poesia, realizamos um Sarau e, após a avaliação, muitos expuseram que começaram a gostar de ler poemas depois desse trabalho. Também na avaliação, colocaram a vontade de realizar trabalhos teatrais na biblioteca, o que será evidenciado no próximo semestre desse ano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que a formação do comportamento leitor é possível através de diversas ações e precisa de estímulos frequentes. No mundo atual, com tanta tecnologia este é um grande desafio para nós, professores.

A contação de histórias e a leitura de textos em voz alta estimulam diversas emoções no ouvinte, e devemos observar essas reações para tirar proveito disso.

Notei nesse trabalho que o interesse em ler os livros das histórias contadas e lidas durante as atividades aumentou. Após, vieram as leituras de gêneros semelhantes aos trabalhados e de outras obras dos autores lidos, bem como a vontade também de produzirem seus próprios textos. No Sarau de encerramento do



primeiro semestre, os alunos escreveram uma peça de teatro e encenaram sobre um lugar onde existiam só pessoas que não gostavam de ler, mas, com o surgimento de uma menina que amava os livros, eles começaram a mudar de atitude. Essa foi a grande resposta para o constante questionamento que me faço todos os dias: será que estou no caminho certo? Vendo esse resultado, acredito que sim, mas ainda com muitas coisas a melhorar.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo, Scipione, 1989. Pp.16 – 17.

AGUIAR, Vera Teixeira de. **Leitura literária na escola**. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins et al. *Escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

CAGNETI, Sueli de Souza. **Leituras em contraponto**: novos jeitos de ler. São Paulo: Paulinas, 2013.

FREITAS, Tino. **Sobre afeto e livros: o papel do contador de histórias na promoção da leitura e na formação do leitor na comunidade**. In: SISTO, Celso (organizador). *A história fora do papel: a oralidade e a multiplicação dos espaços*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2013, p. 107.

MACHADO, Ana Maria. **Texturas: sobre leitura e escritos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Belo Horizonte, Aletria, 2012, p. 25.



XV Fórum Municipal de Educação: interlocuções da pesquisa na Educação Básica
Secretaria de Educação de Novo Hamburgo – 24 de outubro de 2017

YUNES, Eliana. **A experiência da leitura.** São Paulo: Edições Loyola, 2003, p. 92.

ZILBERMAN, Regina. LAJOLO, Marisa. **A formação da leitura no Brasil.** São Paulo: Ática, 1996.

ANEXOS



Sarau



XV Fórum Municipal de Educação: interlocuções da pesquisa na Educação Básica
Secretaria de Educação de Novo Hamburgo – 24 de outubro de 2017



Jogos Literários



Contação coletiva



XV Fórum Municipal de Educação: interlocuções da pesquisa na Educação Básica
Secretaria de Educação de Novo Hamburgo – 24 de outubro de 2017



Contos indígenas



Escrita de poemas